

---

# TRABALHO E PRECARIZAÇÃO

---

## DOS EMPREGOS: TRABALHADORES

---

### TEMPORÁRIOS NA INDÚSTRIA

---

### FUMAGEIRA DE SANTA CRUZ

---

### DO SUL (RS)\*

---

Marco André Cadoná, Valter de Almeida Freitas

*Resumo: este artigo analisa as repercussões da organização da produção da indústria do tabaco no trabalho e no mercado de trabalho de Santa Cruz do Sul (Rio Grande do Sul, Brasil), ocupando-se especialmente com a experiência dos trabalhadores temporários para compreender as estratégias de reprodução dessa força de trabalho que atua de forma precária e insegura na produção industrial que se realiza em empresas multinacionais do setor fumageiro.*

*Palavras-chave: Multinacionais do tabaco. Trabalhadores temporários. Insegurança nos empregos. Trabalho precário.*

WORK AND PRECARIOUSNESS OF JOBS: TEMPORARY WORKERS  
IN THE TOBACCO INDUSTRY OF SANTA CRUZ DO SUL (RS).

*Abstract: this article analyzes the impact of the organization of the tobacco industry's production work and the work of Santa Cruz do Sul market (Rio Grande do Sul, Brazil), by dealing especially with the experience of temporary workers to understand the reproductive strategies of this work force that acts in a precarious and unsafe manner in industrial production that takes place in multinational companies in the tobacco sector.*

*Keywords: Tobacco multinationals. Temporary workers. Insecurity in employment. Precarious work.*

EL TRABAJO Y LA PRECARIEDAD DE LOS PUESTOS DE TRABAJO:  
LOS TRABAJADORES TEMPORALES EN LA INDUSTRIA DEL TABACO  
DE SANTA CRUZ DO SUL (RS)

*Resumen: este artículo analiza el impacto de la organización del producción de la industria del tabaco en el trabajo y en el mercado del trabajo de Santa Cruz*

*do Sul (Rio Grande do Sul, Brasil), tomando especialmente la experiencia de los trabajadores temporales para comprender las estrategias reproductivas de esta fuerza de trabajo que actúa de una manera precaria e insegura en la producción industrial que se lleva a cabo en las empresas multinacionales en el sector del tabaco.*

*Palabras clave: Multinacionales del tabaco. Trabajadores temporales. La inseguridad en el empleo. El trabajo precario.*

**A**s multinacionais do setor fumageiro estão instaladas no Brasil desde o início do século XX. Em Santa Cruz do Sul (no Rio Grande do Sul), onde está localizado o maior complexo agroindustrial de tabaco do Brasil, ainda em 1917 foi instalada a primeira unidade multinacional do setor, a The Brazilian Tobacco Corporation, pertencente à empresa britânica British American Tobacco (BAT). Monopolizando a produção no País, desde então as multinacionais procuram manter o controle técnico, social e organizacional dos trabalhadores que participam de toda a cadeia produtiva do tabaco (VOGT, 1997).

No que diz respeito ao trabalho realizado na produção agrícola, o tabaco é produzido por agricultores familiares que possuem a propriedade de suas terras e se utilizam, basicamente, da força-de-trabalho familiar. Assim, a reprodução do capital fumageiro ocorre numa relação de dominação da indústria sobre a produção agrícola familiar, mas, no entanto, numa condição histórica em que o capital industrial não tem a propriedade das terras nem emprega de forma assalariada os trabalhadores rurais.

Uma compreensão mais qualificada das relações entre a indústria e os agricultores familiares que cultivam tabaco requer, nesse sentido, que se dê atenção especial ao que, no Brasil, se conhece como “sistema integrado”. Este sistema expressa uma relação de dominação da indústria sobre a agricultura familiar, a partir da qual aquela “financia” a produção agrícola (desde infraestrutura até produtos agroquímicos utilizados), “assistindo tecnicamente” os agricultores que se comprometem (contratualmente) com a entrega da produção para a indústria na qual estão “integrados”.

O trabalho realizado nas indústrias fumageiras é assalariado. No entanto, esse trabalho há muito tempo tem uma característica peculiar, pois a agroindústria do setor reproduz constantemente seu capital mediante um processo produtivo que se caracteriza pela sazonalidade. O tabaco, por ser um produto perecível, necessita ser mais ou menos rapidamente manipulado no complexo industrial, para que não entre em estado de deterioração. O fato de sua produção agrícola ficar pronta em determinado período do ano (na região de Santa Cruz do Sul, entre os últimos e os primeiros meses dos anos) e precisar ser processada industrialmente com rapidez faz que a indústria necessite de um maior número de trabalhadores no período de chegada do tabaco.

Desse modo, a produção na indústria fumageira tem dois períodos durante um ano: entre janeiro e junho/julho, o tabaco produzido pelos agricultores é processado, as máquinas trabalham a “todo vapor”, as indústrias operam com capacidade máxima e contratam, por isso, trabalhadores temporários, chamados na região de Santa Cruz do Sul de “safristas”. A partir de julho/agosto, tem início um “período de entressafra”, quando as máquinas são paradas, desmontadas, reparadas e preparadas para entrar num novo período.

do; na entressafra, então, apenas os trabalhadores efetivos, ou seja, aqueles vinculados aos serviços de manutenção e aos serviços de administração, permanecem vinculados à indústria, sendo os “safristas” desligados.

Assim, este artigo, ao mesmo tempo em que investiga as repercussões da organização da produção da indústria fumageira no mercado de trabalho de Santa Cruz do Sul, ocupa-se com a experiência de “trabalhador safrista”, analisando as estratégias de reprodução dessa força de trabalho que atua de forma precária e insegura na produção industrial que se realiza em empresas multinacionais do tabaco.

Diante desse objetivo geral, surgem alguns objetivos específicos da análise apresentada: a) investigar como a organização do processo de produção realizado em indústrias do tabaco repercute na organização dos mercados de trabalho de regiões onde essa produção está concentrada; b) analisar como os trabalhadores temporários da indústria fumageira vivenciam a condição precária e insegura implicada na organização da produção industrial no setor; c) compreender as estratégias das multinacionais visando reproduzir as formas precárias de empregabilidade que resultam do processo de organização industrial da produção do tabaco.

Do ponto de vista metodológico, a análise apresentada resultou de uma pesquisa realizada em Santa Cruz do Sul. Através do levantamento de dados secundários sobre trabalho e mercado de trabalho no município, além da aplicação de um formulário de pesquisa (questionário) com noventa e três trabalhadores “safristas”, constata-se, por um lado, uma segmentação dos trabalhadores no mercado de trabalho santa-cruzensê, em função da importância da indústria do tabaco e a sua forma sazonal de organização da produção; por outro, constatam-se estratégias de naturalização/resistência dos trabalhadores safristas, objetivadas tanto na afirmação de positividade da condição de trabalhador temporário quanto nas tentativas de busca de novas formas de inserção no mercado de trabalho.

## O MERCADO DE TRABALHO EM SANTA CRUZ DO SUL: ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL DO TABACO E INSEGURANÇA NOS EMPREGOS

Santa Cruz do Sul está localizada numa microrregião do Rio Grande do Sul, cuja principal característica é o histórico vínculo econômico, político, sociocultural com a produção do tabaco. Na “região fumicultora de Santa Cruz do Sul” encontra-se o maior complexo agroindustrial de tabaco do Brasil e, especificamente na cidade de Santa Cruz do Sul, está localizado o maior complexo beneficiador de fumo em folha do País<sup>1</sup>, contando com a presença de grandes grupos industriais, tais como a Souza Cruz, a Philip Morris, a Alliance One, a Universal Leaf, a CTA Continental e a Japan International Tobacco.

A presença desse complexo agroindustrial não somente coloca o município numa relação de dependência econômica com a indústria do tabaco, mas também o próprio mercado de trabalho da cidade tem uma dinâmica que, em grande parte, expressa as necessidades desse setor industrial. Assim, para uma análise mais qualificada dessa dependência, a seguir serão apresentados alguns dados do Ministério do Trabalho/

Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (MTE/Caged) e relacionados a Santa Cruz do Sul: a distribuição dos empregos formais nos diferentes setores econômicos (em janeiro de 2016), a dinâmica de admissões e de desligamentos (no período entre 2007 e 2015), as ocupações que mais admitiram (2007-2015) e os salários médios dessas ocupações.

Um primeiro dado, então, a ser registrado está relacionado à participação dos diferentes setores econômicos na composição do mercado formal em Santa Cruz do Sul. A Tabela 1 apresenta esses dados, indicando que, sob o ponto de vista da distribuição dos empregos entre os diferentes setores, o município não apresenta grandes diferenças com o que se observa no Rio Grande do Sul, e mesmo no Brasil. A exceção fica na participação dos empregos industriais, cujos índices em Santa Cruz do Sul e no Rio Grande do Sul são maiores do que é registrado para o País (Tabela 1).

Tabela 1: Empregos formais em Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul e no Brasil, por setor de atividades (janeiro de 2016)

Empregos formais Setor da economia	Santa Cruz do Sul		Rio Grande do Sul	Brasil
	n	%	%	%
Indústria da Transformação	10.090	27,2	26,1	19,2
Construção Civil	1.870	5,0	5,2	6,7
Comércio	9.201	24,8	23,5	23,2
Serviços	14.970	40,3	38,5	43,2
Outros	995	2,7	6,7	7,7
<b>TOTAL</b>	<b>37.130</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: MTE/CAGED (2016).

Nota: dados organizados pelos autores.

A dinâmica de admissões e de desligamentos, no entanto, já indica diferenças entre Santa Cruz do Sul e o Rio Grande do Sul, mesmo em relação ao Brasil, expressando características singulares da Região onde o município está localizado. A Tabela 2 apresenta esses dados, indicando que, no período de análise e considerando as diferenças (semestrais) entre admissões e desligamentos, Santa Cruz do Sul acompanhou a dinâmica de crescimento de empregos formais, presente tanto no Rio Grande do Sul quanto no Brasil. Fica claro, também, que a partir do segundo semestre de 2014 os mercados de trabalho repercutiram a crise da economia brasileira, expressa pela diminuição do crescimento econômico e pela crescente dificuldade do governo em controlar alguns indicadores econômicos; mas, também, de manter as políticas públicas que contribuíram para um período exitoso de criação de empregos no País a partir dos anos 2000 e pelo menos até o final do primeiro governo de Dilma Rousseff (2011- 2014) (Tabela 2).

Tabela 2: Diferenças entre Admissões e de Demissões em Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul e no Brasil (2007-2015)

Admissões/ Demissões Período	Santa Cruz do Sul	Rio Grande do Sul	Brasil
2007 – jan. – jun.	4.456	47.983	1.095.503
2007 – jul. – dez.	- 5.182	46.341	521.889
2008 – jan. – jun.	5.634	81.447	1.361.388
2008 – jul. – dez.	- 4.978	9.107	90.816
2009 – jan. – jun.	7.536	5.744	299.506
2009 – jul. – dez.	- 5.460	58.482	695.604
2010 – jan. – jun.	7.348	104.654	1.473.320
2010 – jul. – dez.	- 4.818	58.610	663.627
2011 – jan. – jun.	8.036	84.822	1.265.250
2011 – jul. – dez.	- 6.424	24.000	300.793
2012 – jan. – jun.	6.436	49.719	858.334
2012 – jul. – dez.	- 4.485	17.862	9.907
2013 – jan. – jun.	6.973	75.265	657.573
2013 – jul. – dez.	- 6.128	6.180	73.144
2014 – jan. – jun.	7.035	49.376	493.118
2014 – jul. – dez.	- 5.905	- 29.144	- 340.404
2015 – jan. – jun.	5.347	- 13.308	- 389.533
2015 – jul. – dez.	- 7.021	- 83.937	- 1.236.018

Fonte: MTE/CAGED (2016).

Nota: dados organizados pelos autores.

Como pode ser observado na Tabela 2, em todos os primeiros semestres dos anos o número de admissões é maior do que o número de desligamentos em Santa Cruz do Sul. No entanto, nos segundos semestres a situação se inverte, observando-se um número menor de admitidos. Mesmo no período de 2014 a 2015, quando o número de desligamentos passou a superar o número de admissões tanto no Rio Grande do Sul quanto no Brasil, Santa Cruz do Sul manteve sua dinâmica histórica de criação de um maior número de empregos nos primeiros semestres e de um maior número de desligamentos nos segundos semestres.

Como explicar a dinâmica de admissões e de desligamentos em Santa Cruz do Sul? Trata-se de um fenômeno que está diretamente vinculado ao modo de organização da produção na indústria fumageira. Como afirmado, a presença do complexo beneficiador de tabaco condiciona a dinâmica de mercado de trabalho do município. Em Santa Cruz do Sul, a indústria recebe o tabaco produzido por agricultores familiares (da região, mas, também, de diferentes regiões do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná) no início dos anos, beneficiando esse tabaco nos primeiros semestres; em função disso, contrata trabalhadores temporários (“safristas”) que, após quatro, cinco, às vezes seis meses atuando na indústria, são desligados a partir do início dos segundos semestres

(julho/agosto). Dessa forma, não é coincidência que, justamente nos primeiros semestres dos anos observa-se um saldo positivo de empregos, enquanto nos segundos semestres observa-se um saldo positivo de desligamentos.

A Tabela 3, ao apresentar a dinâmica de admissões e de desligamentos em Santa Cruz do Sul no período entre janeiro de 2011 e dezembro de 2014 (primeiro governo de Dilma Rousseff, portanto), permite perceber ainda com maior clareza a relação entre a dinâmica de empregos/desempregos e a dinâmica de organização da produção na indústria do tabaco no município (Tabela 3).

Tabela 3: Dinâmica de admissões e de desligamentos em Santa Cruz do Sul no período entre 2011 e 2014

Admissões/desligamentos Período	Santa Cruz do Sul	
	Admissões	Desligamentos
2011 – jan. – jun.	19.242	11.206
2011 – jul. – dez.	11.612	18.036
2012 – jan. – jun.	17.712	11.276
2012 – jul. – dez.	11.276	15.761
2013 – jan. – jun.	19.212	12.239
2013 – jul. – dez.	11.661	17.789
2014 – jan. – jun.	19.068	12.033
2014 – jul. – dez.	12.540	18.445

Fonte: MTE/CAGED (2016).

Nota: dados organizados pelos autores.

Como dito anteriormente, a dinâmica do mercado de trabalho em Santa Cruz do Sul não se alterou no período de queda dos empregos formais, alimentando, inclusive, visões distorcidas na imprensa local (e, mesmo, nacional)<sup>2</sup> que, tanto no primeiro semestre de 2015 quanto no primeiro semestre de 2016, diante do quadro positivo de criação de empregos, especulou a possibilidade de a dinâmica de crescimento econômico ser diferenciada no município (em relação ao que se apresentava no Brasil).

Evidentemente, essa dinâmica revela características específicas do mercado de trabalho do município, mas também da situação dos trabalhadores em seu mercado de trabalho. Um número significativo de pessoas convive com um emprego temporário, trabalhando nos primeiros semestres, enquanto nos segundos semestres esses trabalhadores ficam em casa (desempregadas), ocupam-se em atividades esporádicas (os chamados “bicos”) ou disputam atividades precárias oferecidas na cidade (mercado informal, em especial em serviços, construção civil, coleta e comercialização de materiais recicláveis) (CADONÁ, 2015).

Assim, o próprio desemprego em Santa Cruz do Sul tem naturezas diversas: para alguns, ele é um desemprego temporário (trabalhadores que esperam uma nova safra na indústria fumageira); para outros, ele expressa o desequilíbrio permanente entre oferta e

demanda por trabalho, tendo uma condição temporal que não é definida. Uma condição que cria também diferentes tipos de exércitos sociais de reserva, constituído pelos trabalhadores que disputam os empregos permanentes existentes na cidade e pelos trabalhadores que, inclusive pela condição insegura que possuem no mercado de trabalho, disputam apenas os trabalhos temporários (CADONÁ, 2015).

Não se pode relativizar ainda o fato de que, em Santa Cruz do Sul, a rotatividade no trabalho é muito significativa, o que pode ser facilmente observado nos dados já apresentados, em especial a Tabela 3, que indica números elevados de desligamentos de trabalhadores nos semestres analisados. Trata-se, portanto, de um indicador que nos permite afirmar que, em que pese o crescimento dos empregos formais no País (a partir de 2007 e até o final de 2015), não expressou necessariamente condições mais seguras para os trabalhadores do município.

Nessa direção, inclusive, cabe analisar quais empregos foram criados no período analisado. Os dados sistematizados pelo CAGED, em particular aqueles relacionados às ocupações que mais admitiram e aos salários médios pagos nessas mesmas ocupações, são importantes para fins dessa análise.

No que diz respeito às ocupações que mais admitiram em Santa Cruz do Sul no período entre 2007 e 2014, o Quadro 1 apresenta esses dados, indicando que a maioria dessas ocupações não necessariamente exige maior qualificação profissional dos trabalhadores, nem assegura a eles uma maior segurança no mercado de trabalho (como, inclusive, os altos índices de rotatividade já indicam). É possível observar no Quadro 1, inclusive, ocupações vinculadas especificamente à dinâmica de desenvolvimento de Santa Cruz do Sul: auxiliar de processamento, alimentador de linha de produção de fumo, processador de fumo, operador de empilhadeira, apontador de produção, mecânico de manutenção de máquinas e classificador de fumo são ocupações identificadas com a produção industrial do tabaco (Quadro 1).

Quadro 1: As vinte e cinco profissões que mais empregaram em Santa Cruz do Sul no período entre 2007 e 2014

Santa Cruz do Sul: 25 ocupações formais que mais admitiram no período 2007 – 2014.	
Auxiliar de Processamento. Alimentador de Linha de Produção de Fumo. Vendedor de Comercio Varejista. Auxiliar de Escritório, em Geral. Processador de Fumo. Servente de Obras. Faxineiro. Operador de Caixa. Operador de Empilhadeira. Motorista de Caminhão. Vigilante. Pedreiro. Cozinheiro Geral.	Trabalhador Volante da Agricultura. Assistente Administrativo. Apontador de Produção. Mecânico de Manutenção de Maquinas. Almoxarife. Repositor de Mercadorias. Carregador. Classificador de Fumo. Vigia. Ajudante de Motorista. Embalador, a Mao. Frentista.

Fonte: TEM/CAGED (2016).

Nota: dados organizados pelos autores.

A análise dessas vinte e cinco ocupações que mais admitiram permite concluir, portanto, que, de modo geral, a dinâmica de desenvolvimento de Santa Cruz do Sul (no período analisado) impulsionou, principalmente, ocupações que não podem ser identificadas como ocupações modernas (profissionais técnicos, técnicos superiores e direção), pois não se associam a situações de trabalho e de produção que expressam mudanças nos conteúdos dos postos de trabalho, necessitando, por isso, trabalhadores mais qualificados.

Por fim, então, cabe analisar os salários médios das ocupações que mais admitiram no período investigado. Para essa análise estão considerados dois períodos: entre janeiro de 2007 e dezembro de 2008 e entre janeiro de 2013 e dezembro de 2014. Além disso, em cada um desses dois períodos, são consideradas, nas vinte ocupações que mais admitiram, as menores e as maiores médias salariais.

Em 2007, a partir do dia primeiro de abril, o salário mínimo no Brasil passou a ser de R\$380,00, elevando-se para R\$415,00 a partir de 1º de março de 2008. Em Santa Cruz do Sul, dentre as vinte ocupações que mais admitiram entre janeiro de 2007 e dezembro de 2008, os salários médios variaram entre R\$227,33 e R\$492,25, sendo que as três ocupações que mais admitiram tinham salários médios de R\$361,94, de R\$298,32 e de R\$309,56 (MTE/CAGED, 2016).

Note-se que, mesmo tomado como referência o salário mínimo de 2007, o maior salário médio entre as vinte ocupações equivalia, no período entre 2007 e 2008, em Santa Cruz do Sul, a 129,5% daquele salário mínimo, ou seja, dentre as vinte ocupações que mais admitiram o maior salário médio não alcançava o valor de dois salários mínimos. Considere-se, também, que a primeira, a segunda e a terceira ocupações que mais admitiram em Santa Cruz do Sul tinham salários médios, naquele período, equivalentes a 95,2%, 78,5% e 81,5%, respectivamente, do salário mínimo.

Em 2013, o salário mínimo no Brasil, a partir do dia primeiro de janeiro, era de R\$ 678,00, passando para R\$724,00 a partir de 1º de janeiro de 2014. Em Santa Cruz do Sul, dentre as vinte ocupações que mais admitiram entre janeiro de 2013 e dezembro de 2014, os salários médios variaram entre R\$762,07 e R\$1.248,92, sendo que as três ocupações que mais admitiram tinham salários médios de R\$762,07, de R\$827,12 e de R\$842,03. (MTE/CAGED, 2016). Na mesma direção, se tomado como referência o salário mínimo de 2013, o maior salário médio entre as vinte ocupações equivalia, no período entre 2010 e 2011, em Santa Cruz do Sul a 192,2% daquele salário mínimo.

São dados, portanto, que indicam que, efetivamente, as ocupações que mais admitiram em 2013/2014 tinham melhores salários se comparados com os salários médios das ocupações que mais admitiam em 2007/2008. Note-se, inclusive, que a primeira, a segunda e a terceira ocupações que mais admitiram em Santa Cruz do Sul tinham salários médios no período 2013/2014 equivalentes a 112,4%, 122% e 124,2%, respectivamente, do salário mínimo de 2013.

No entanto, para os dois períodos analisados, percebe-se claramente que as médias salariais dessas ocupações que mais admitiram são baixas, não chegando aos dois salários mínimos. Considerando-se que dentre essas ocupações muitas estão diretamente vincula-



das à indústria do tabaco, trata-se de um indicador, também, da insegurança na renda que muitos trabalhadores desse setor industrial experienciam.

## TRABALHADORES “SAFRISTAS”: CONDIÇÕES DE TRABALHO E DINÂMICAS DE NATURALIZAÇÃO/RESISTÊNCIA DE UM TRABALHO PRECÁRIO

Ainda no início deste artigo foi indicado que a análise sobre as condições de trabalho dos trabalhadores safristas na indústria do tabaco localizada em Santa Cruz do Sul toma como referência empírica a realização de um levantamento (aplicação de um formulário de pesquisa) junto a noventa e três trabalhadores(as) que atuam na indústria do tabaco nessa condição de trabalho. Assim, nesta parte do artigo são apresentados alguns dados daquele levantamento para, então, problematizar duas questões importantes para os fins da análise construída: como os trabalhadores temporários vivenciam a condição precária e insegura de trabalho e quais são as estratégias das multinacionais visando reproduzir as formas precárias de empregabilidade que resultam da organização da produção industrial do tabaco.

Antes, porém, cabe detalhar os procedimentos metodológicos adotados no levantamento dos dados. Uma informação a ser registrada, nesse sentido, é que o número de trabalhadores safristas na indústria fumageira vem diminuindo desde os anos 2000 e que na safra de 2014 foram contratados 6.300 safristas pela indústria localizada em Santa Cruz do Sul (FETZER, 2016). Foi com base nesse universo de trabalhadores safristas que os 93 formulários de pesquisa foram aplicados. Essa aplicação foi realizada no Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias do Fumo e de Alimentação de Santa Cruz do Sul (STIFA), considerando todos os trabalhadores safristas que procuraram o Sindicato, nos meses de setembro e de outubro de 2014, para acessar serviços oferecidos pelo Sindicato: médicos, odontológicos, jurídicos, de enfermagem, fisioterapia e nutricionista. Sob o ponto de vista da amostragem, trata-se de uma amostra aleatória estratificada, considerando que quem efetivamente participou da pesquisa foram trabalhadores safristas que, por alguma necessidade, buscaram os serviços oferecidos pelo/ no STIFA (GIL, 1996).

Os(as) trabalhadores safristas que responderam o formulário de pesquisa são, na maioria, trabalhadoras residentes em bairros periféricos da cidade de Santa Cruz do Sul, com idade média de 42 anos, casadas e com ensino fundamental incompleto. Duas questões já merecem destaque nessa indicação do perfil dos safristas pesquisados: são em sua maioria mulheres e têm ensino fundamental incompleto. Precisando essas informações, dos noventa e três safristas que responderam o formulário, 81,7% eram mulheres e 41,9% tinham o ensino fundamental incompleto (às quais devem ser acrescentadas os 29% que responderam que tinham o ensino fundamental completo). São dados, portanto, que indicam que o trabalho de safrista na indústria do tabaco é realizado, fundamentalmente, por mulheres com baixa escolaridade. Nesse sentido, expressam uma condição de inserção das mulheres no processo de trabalho da indústria do tabaco, caracterizada pela precarização dos vínculos e pela própria inserção em atividades que são menos valorizadas.

Em Santa Cruz do Sul, a indústria do tabaco mesmo produz as condições para a produção e reprodução dessa força-de-trabalho. Historicamente, as indústrias se aproveitaram dos próprios agricultores familiares que atuavam na indústria no período em que as atividades agrícolas diminuam. Mais recentemente, o aumento da população na cidade de Santa Cruz do Sul – decorrente, inclusive, da expectativa das populações de municípios vizinhos quanto à possibilidade de um emprego – criou condições para que a indústria passasse a contar com um número de trabalhadores e trabalhadoras que está acima do necessário. Uma situação que permite, inclusive, que esse setor industrial conte com um exército de reserva, formado por trabalhadores que, tanto por suas condições de inserção no mercado de trabalho (baixa escolaridade, pouca e descontínua experiência profissional) quanto pela falta de oportunidades de trabalho no município, acabam aceitando essa condição precária de trabalho que a indústria oferece. A organização taylorista-fordista presente nas fases do processo de trabalho em que as trabalhadoras safrististas atuam facilita não somente a utilização, bem como o controle sobre essa força-de-trabalho.

Os trabalhadores safrististas atuam, principalmente, em duas fases do processamento industrial do tabaco. A primeira fase é a do recebimento do tabaco nas indústrias, quando é classificado (a partir de critérios definidos pela indústria, resultando em diferentes classes) e estocado para então ser processado de acordo com as misturas encomendadas pelas indústrias de cigarro e/ou exportadores. A segunda fase é a do processamento, quando o tabaco é misturado (de acordo com as demandas), triturado, prensado, encaixado, resfriado e estocado à espera da ordem do embarque – uma fase que compreende várias etapas, desde a mistura, o controle da qualidade das folhas, a fragmentação e a trituração, a secagem, a separação das folhas dos talos, a prensagem, a estocagem.

Constituídas por atividades que não requerem níveis elevados de escolaridade, ainda que em algumas etapas a experiência seja muito importante (do que resulta um interesse das indústrias pelo retorno – todo o ano – dos mesmos trabalhadores), nessas duas fases observa-se uma participação grande de safrististas que atuam sob a supervisão de trabalhadores efetivos (FREITAS, 2002).

A precarização do trabalho dos safrististas não se objetiva apenas nos vínculos temporários, mas também através do salário que recebem, nas formas de inserção no mercado de trabalho nos períodos em que não estão atuando na indústria, nas formas de inserção no processo de trabalho na indústria do tabaco.

Em relação aos salários, a grande maioria das trabalhadoras que responderam o formulário de pesquisa afirmou que ganhava até dois salários mínimos. A Tabela 4 apresenta esses dados, indicando que 9,7% ganhavam até meio salário mínimo, 38,7% ganhavam mais de meio até um salário mínimo e 49,5% ganhavam mais de um até dois salários mínimos.

Tabela 4: Trabalhadoras safrististas na indústria do tabaco em Santa Cruz do Sul, por salário que recebem pelo trabalho que realizam

Trabalhadoras safrististas Salário	N	%
Até meio salário mínimo	09	9,7
Mais de meio até um salário mínimo	36	38,6
Mais de um até dois salários mínimos	46	49,5
Mais de dois salários mínimos	01	1,1
Não respondeu	01	1,1
TOTAL	93	100,0

É importante destacar que a maioria das trabalhadoras safrististas atuou em safras anteriores e, considerando o ano 2013, 60,3% delas trabalharam até seis meses na condição de safrististas (84% trabalharam na condição de safristista, em 2013, até oito meses). Além disso, 65,6% ficaram em casa no período em que foram desligadas em 2013 e admitidas em 2014. Portanto, o salário que as trabalhadoras safrististas recebem na indústria fumageira no período de, no máximo, oito meses, é a única fonte de renda individual durante o ano (são oito salários, no máximo, para os doze meses do ano).

Evidentemente, essa condição salarial repercute na renda das famílias das trabalhadoras safrististas. Famílias nas quais a maioria das trabalhadoras safrististas participa na formação da renda e na divisão das responsabilidades financeiras (apenas 6,5% afirmaram que não têm nenhuma participação na divisão das despesas de suas famílias). Como está indicado na Tabela 5, apenas 4,3% das trabalhadoras safrististas que responderam o formulário de pesquisa têm renda média familiar superior aos 03 salários mínimos, uma renda que, para 75,3%, é dividida entre três ou mais familiares.

Tabela 5: Trabalhadoras safrististas na indústria do tabaco em Santa Cruz do Sul, por renda média mensal de suas famílias

Trabalhadoras safrististas Renda Média Familiar	n	%
Até um salário mínimo	13	14,0
Mais de um até dois salários mínimos	36	38,7
Mais de dois até três salários mínimos	32	34,4
Mais de três salários mínimos	04	4,3
Não sabe/não respondeu	08	8,6
TOTAL	93	100,0

Nota: tabela elaborada pelos autores, a partir de levantamento realizado.

Quanto às formas de inserção no mercado de trabalho no período em que não estão trabalhando na indústria do tabaco, 65,6% não encontraram/não buscaram outro trabalho remunerado no período em que não trabalharam na indústria do tabaco entre 2013 e 2014. Como a maioria é constituída por mulheres casadas, isso significa que essas trabalhadoras ficam nesses períodos em suas casas, comprometendo-se com atividades do lar, sem remuneração. Dentre os(as) que realizaram algum trabalho remunerado no “período entre as safras”, as atividades realizadas foram, de modo geral, no setor de serviços: faxina (trabalho doméstico), jardinagem (corte de grama e limpeza de terrenos), vendedor ambulante, zelador, pedreiro ou servente de obra (construção civil).

A maioria das trabalhadoras safrististas começou a trabalhar ainda na adolescência (80,6% em idades entre 12 e 18 anos), tendo passado por diferentes locais de trabalho (70% já tinham trabalhado em mais de quatro locais), oscilando entre períodos de trabalho e de atividades em suas próprias casas, sem que esses diferentes locais tenham contribuído para um aperfeiçoamento profissional (inclusive, 74,2% afirmaram que nunca fizeram um curso profissionalizante) – uma condição profissional, portanto, que limita as possibilidades de ascensão profissional (ascensão dentro das indústrias de tabaco), de busca de empregos permanentes e seguros, com maior valorização salarial e profissional. Não é por acaso, nesse sentido, que a maioria já trabalha há quatro anos ou mais na condição de safrista (apenas 22,6% afirmaram que atuam na condição de safrista há menos de quatro anos).

Essa é, aliás, uma situação que é funcional para as indústrias do tabaco. Evidentemente, as indústrias contratam novos trabalhadores safrististas. Mas há nas indústrias uma prática já antiga de aproveitamento das mesmas trabalhadoras. Durante o período em que atuam na indústria na condição de safrististas, essas trabalhadoras são permanentemente avaliadas pelas suas gerências. As empresas têm anualmente avaliações do desempenho das trabalhadoras safrististas, o que permite controlar e selecionar as trabalhadoras no período seguinte, assim como indicá-las para outras indústrias (principalmente do setor fumageiro), quando há excesso e essas outras indústrias demandam mais trabalhadores temporários.

Sobre essa permanente avaliação que as trabalhadoras safrististas são submetidas nas indústrias do tabaco, relatos de trabalhadoras safrististas (além de lideranças sindicais do município de Santa Cruz do Sul) indicam que essas avaliações também servem para que as empresas não contratem “quem é indisciplinado”, “quem não se ajusta com os objetivos da empresa”. Essa prática, para algumas lideranças sindicais, lembra o tempo em que “as indústrias tinham uma lista negra”, uma lista compartilhada entre as diferentes empresas que indicava trabalhadores que não deveriam ser contratados por indisciplina ou por posicionamentos políticos que demonstravam (CADONÁ; FREITAS, 2014).

Por fim, quanto à inserção das trabalhadoras safrististas no processo de trabalho, registre-se, em primeiro lugar, que o que efetivamente fazem enquanto atuam na indústria do tabaco são as seguintes atividades: auxiliar de carregador, alimentação das esteiras, almoxarifado, auxiliar de produção, classificação do tabaco, descarga do tabaco dos caminhões, destale do tabaco, serviços gerais. Enfim, atividades que, de modo geral, não exigem níveis elevados de escolarização, que são pouco valorizadas no processo de pro-

dução industrial do tabaco ou então que exigem uma experiência adquirida no próprio local de trabalho, como no caso da classificação do tabaco.

As trabalhadoras safrististas que responderam o formulário, de modo geral, têm jornadas de trabalho de oito horas diárias (68,8% trabalham oito horas diárias e 10,8% trabalham mais de oito horas diárias), durante cinco (61,3%) ou seis dias (36,6%), fazem horas-extras (37,6% afirmaram que nunca faziam horas-extras) e podem trabalhar nos finais de semana (24,7% afirmaram que frequentemente e 36,6% que às vezes trabalham nos finais de semana).

Consideram que o trabalho que realizam na indústria do tabaco exige esforço físico e mental, “é um trabalho monótono” (34,4% afirmaram que é “um pouco monótono” e 41,9% que “é muito monótono”) que não exige criatividade, muito repetitivo (68,8% afirmaram que “é muito repetitivo” e 22,6% que é “um pouco repetitivo”) e pouco estimulante, envolvendo muita responsabilidade e realizado com pouca ou nenhuma liberdade, numa condição em que nem sempre “se é valorizado” (16,1% afirmaram que não eram “nada” valorizadas e 34,4% que eram “pouco” valorizadas). Em contrapartida há quem goste desse trabalho: 84,9% das trabalhadoras safrististas que responderam o questionaram afirmaram que “gostam muito” do trabalho que realizam na indústria do tabaco.

Os dados deste último parágrafo indicam, por um lado, a valorização do trabalho, enquanto atividade que não é somente importante sob o ponto de vista econômico-financeiro, bem como sob o ponto de vista da construção de identidades, das relações sociais, da valorização do indivíduo diante de si e dos outros. Por outro, indicam que a organização do processo de trabalho presente nos locais onde a maioria das trabalhadoras safrististas atua se vincula a características tayloristas-fordistas, com a presença de trabalhos repetitivos, monótonos, controlados, estressantes, sem grandes incentivos ao uso da capacidade criativa dos trabalhadores, com poucos ou raros espaços que motivam os trabalhadores.

Note-se, inclusive, que 69,5% trabalham sempre “de pé”; 50,5% trabalham sempre em posturas desgastantes/penosas; 47,3% realizam sempre atividades repetitivas e monótonas; 48,4% trabalham sempre em lugares com muito barulho; e apenas 17,2% sentem que os seus espaços de trabalho oferecem sempre oportunidades de novas capacitações. Assim, nessas condições, vão se afirmando experiências contraditórias de trabalho, pois há identificação com o emprego temporário, ainda que 50,5% gostariam de alcançar a condição de trabalhadores efetivos na indústria do tabaco (Tabela 6).

Tabela 6: Trabalhadoras safrististas na indústria do tabaco em Santa Cruz do Sul, por interesse em continuar como trabalhadora safrista

Trabalhadoras safrististas Como gostaria de continuar trabalhando?	n	%
Como safrististas	42	45,2
Como efetivas (permanentes) na indústria do tabaco	47	50,5
Outra condição	04	4,3
TOTAL	93	100,0

Nota: tabela elaborada pelos autores, a partir de levantamento realizado.

Além disso, sabe-se que as condições salariais e as condições de trabalho nem sempre são boas, que “o ser safrista” nem sempre é valorizado nas empresas, que a condição de aleatoriedade que decorre do trabalho temporário resulta em diferentes formas de insegurança: de renda, de emprego, no alcance de direitos sociais e trabalhistas. Nessa direção, inclusive, sabe-se que “a própria sociedade” tem uma representação acerca do trabalhador safrista que pouco atribui valor para esse tipo de trabalho (quando perguntado o que as pessoas, de modo geral, pensavam sobre o trabalho de safristas, 41,9% afirmaram que davam pouco valor e 12,9% afirmaram que as pessoas não dão nenhum valor).

Dessa maneira, há a necessidade do trabalho, há um desejo de continuidade do trabalho, mas também uma vontade e um interesse que as condições de trabalho e de vida melhorem. Talvez, nesse projeto individual e coletivo, a representação política dos sindicatos possa ter um espaço importante, pois, embora 50,5% sejam filiadas ao sindicato que representa os interesses dos trabalhadores da indústria do tabaco, para 80,6% ter uma representação sindical é importante. E é importante porque através do sindicato resolvem-se problemas de saúde, porque o sindicato “ajuda em muitas coisas”, mas, também, porque através do sindicato os trabalhadores podem “garantir seus direitos”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este artigo sobre o trabalho e as condições de trabalho de quem atua na indústria do tabaco na condição de safrista (trabalhador temporário), é importante destacar, pelo menos, cinco aspectos.

O primeiro deles está relacionado à própria produção de um espaço de reprodução do capital da indústria fumageira. É amplamente conhecido que, desde as últimas décadas do século XX e num contexto de mundialização do capital, principalmente as empresas multinacionais alcançaram uma liberdade antes não existente para deslocarem seus investimentos para lugares onde podem encontrar condições mais favoráveis para a valorização de seus capitais, em especial através da intensificação das relações de exploração sobre os trabalhadores. Nesse processo histórico de deslocamento do trabalho, não raras vezes, os espaços (locais, regionais, nacionais) onde os trabalhadores, através de suas experiências coletivas de luta, alcançaram melhores condições de trabalho e de vida são preteridos pelos investimentos das multinacionais, que preferem espaços onde os salários são menores, onde as garantias legais de trabalho são mais frágeis, onde os trabalhadores não têm grandes tradições de mobilização e de lutas (ANTUNES, 2013; HARVEY, 1993).

No caso da indústria do tabaco, a organização de um trabalho precário é uma condição histórica, pois a organização sazonal da produção do tabaco torna funcional e naturaliza o uso de um trabalho temporário, inseguro, que resulta em condições precárias de renda e de trabalho para parcelas significativas dos trabalhadores. Dessa condição resulta que, em Santa Cruz do Sul, boa parte das ocupações criadas nos primeiros semestres dos anos seja de “empregos temporários”; e, nos segundos semestres dos anos, muitos trabalhadores vivenciam situações de desemprego, de intensificação de

uma condição já insegura de trabalho, de comprometimento de suas rendas (individuais e familiares).

O segundo aspecto é que a presença das multinacionais do tabaco em Santa Cruz do Sul, com sua forma de organização do processo produtivo e com suas estratégias de exploração dos trabalhadores, impõe ao município uma condição insegura de desenvolvimento. O mercado de trabalho do município tem uma estrutura que está fortemente condicionada aos interesses da indústria do tabaco, atendendo às necessidades de uma organização da produção que naturalizou o uso precário e temporário de parcelas significativas de trabalhadores. Enquanto não estão trabalhando (nos segundos semestres), são trabalhadores que criam situações e necessidades (de trabalho, de saúde, de educação etc.) que, em última análise, as instituições representativas dos trabalhadores ou o próprio poder público precisam responder. É significativo, nesse sentido, que durante os segundos semestres o Sindicato que representa os trabalhadores da indústria do tabaco tenha uma demanda na área da saúde muito maior do que tem nos primeiros semestres, assim como é significativo que, em Santa Cruz do Sul, oitavo maior Produto Interno Bruto (PIB) do Rio Grande do Sul em 2013, 65% das famílias tenham renda média de até cinco salários mínimos.

O terceiro aspecto está relacionado à discussão sobre a dimensão regional na análise da dinâmica dos mercados de trabalho. Embora não de forma exclusiva, no Brasil, as pesquisas sobre o mercado de trabalho estão concentradas nas regiões metropolitanas, havendo importantes lacunas quando se pensa as cidades “do interior”. Os dados apresentados neste artigo indicam que o espaço regional, enquanto expressão das próprias dinâmicas regionais de desenvolvimento, importa, faz diferença. Daí a importância de pesquisas que atentem para a dinâmica dos mercados de trabalho de cidades interioranas, contribuindo, assim, para que os estudos sobre trabalho e sobre mercados de trabalho possam ser constituídos através da atenção (merecida) ao que acontece nos espaços que não estão inscritos nas regiões metropolitanas do País.

O quarto aspecto está diretamente relacionado aos trabalhadores safristas da indústria do tabaco, condicionados que estão a viver uma “cultura do aleatório” (CASTEL, 1998, p. 7), alternando situações de atividade e de inatividade, tempos de remuneração e tempos em que se “fica-se em casa”, realiza-se “pequenos trabalhos”, “espera-se uma nova safra”, busca-se assistência social no Sindicato ou em alguma instituição pública.

Por fim, o quinto aspecto está relacionado ao modo como os trabalhadores safristas significam o trabalho que realizam na indústria do tabaco. Como indicado, há sinais claros de uma consciência quanto às condições precárias que estão implicadas na condição de “trabalhador safrista”. Dessa consciência não resulta um interesse de uma fuga do trabalho que realizam na indústria do tabaco, pois muitos indicam ter o interesse de continuar trabalhando na própria condição de safrista, enquanto outros muitos gostariam da efetivação (ter um emprego permanente) na indústria fumageira. Espera-se que as condições de trabalho melhorem (e, nesse sentido, os Sindicatos têm um espaço político importante), mas, talvez, também se tenha a consciência das dificuldades de uma integração no mercado de trabalho num espaço que, em função da própria dependência da economia do

município em relação à indústria do tabaco, não consegue garantir condições diferentes de ocupação.

#### Notas

- 1 O Brasil ocupa, desde 1993, a posição de maior exportador mundial de fumo em folha e, atualmente, é o terceiro maior produtor mundial, ficando atrás da China e da Índia (SINDITABACO, 2016).
- 2 A Revista Exame, por exemplo, em reportagem de Talita Abrantes em abril de 2015 (20 cidades que continuam gerando empregos no Brasil), apresenta dados relacionados à criação de empregos nos primeiros meses daquele ano em Santa Cruz do Sul, colocando essa cidade dentre as que, no Brasil, foram “na contramão” da tendência apresentada no País (que no primeiro trimestre de 2015 “perdeu mais de 50 mil postos de trabalho”). Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/20-cidades-que-continuam-gerando-empregos-no-brasil>>.

#### Referências

ABRANTES, Talita. 20 cidades que continuam gerando emprego no Brasil. *Revista Exame*, abril de 2015. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/20-cidades-que-continuam-gerando-empregos-no-brasil>>. Acesso em: 01 jul. 2016.

ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 1999.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil II*. São Paulo: Boitempo, 2013.

BRASIL. MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. *Cadastro Geral de Emprego e Desemprego*. Disponível em: <[http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged\\_perfil\\_municipio/index.php](http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_perfil_municipio/index.php)>. Acesso em: 02 jul. 2016.

CADONÁ, Marco A. Dinâmicas regionais de organização dos mercados urbanos de trabalho: uma análise a partir dos mercados de trabalho nas cidades da Microrregião de Santa Cruz do Sul (RS). Santa Cruz do Sul, *Estudos do CEPE*, v. 1, p. 87-102, 2015.

\_\_\_\_\_; FREITAS, Valter de Almeida. *Trabalho e condições de trabalho na indústria do tabaco: uma análise das condições de trabalho de quem atua como “safrista” na indústria fumageira de Santa Cruz do Sul (RS)*. (Relatório de Pesquisa). Santa Cruz do Sul: UNISC/UERGS, 2014.

CANO, Wilson. *Soberana e política econômica na América Latina*. São Paulo: Edunesp, 2000.

CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Petrópolis: Vozes, 1998.

DIEESE: Departamento Intersindical de Estudos e Estatísticas Sócio Econômicas. *A situação do trabalho no Brasil*. São Paulo: DIEESE, 2011.

\_\_\_\_\_. *A situação do trabalho no Brasil na primeira década dos anos 2000*. São Paulo: DIEESE, 2012.

FARIA, Andréia Farina de; PREVITALI, Fabiane Santana. Reestruturação produtiva, relações interfirmas e trabalho no setor fumageiro no Brasil a partir da década de 1990. In: ANTUNES, Ricardo (Org.). *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil II*. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 247-266.

FETZER, Viviane Scherer. Valorização dos trabalhadores deve ser o foco. *Riovale Jornal*, 28 de out. 2016. Disponível em: <[http://www.riovalejornal.com.br/materias/15818-valorizacao\\_dos\\_trabalhadores\\_deve\\_ser\\_o\\_foco](http://www.riovalejornal.com.br/materias/15818-valorizacao_dos_trabalhadores_deve_ser_o_foco)>. Acesso em: 24 out. 2016.

FREITAS, Caroline Lorena Sculte de. *O trabalho com o fumo: subjetivação e precarização na atividade das trabalhadoras safristas*. (Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar um projeto de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1996.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 1993.

SILVEIRA, Rogério L. Lima da. *Cidade, corporação e periferia urbana: acumulação de capital e segregação espacial na (re)produção do espaço urbano*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003.



SINDITABACO. *Brasil é líder mundial em exportação de tabaco*. Disponível em: <<http://sinditabaco.com.br/sobre-o-setor/exportacoes/>>. Acesso em: 02 jul. 2016.

SPOSITO, M. E. B. (Org.). *Cidades médias: espaços em transição*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

VOGT, Olgário. *A produção de fumo em Santa Cruz do Sul, RS (1849 – 1993)*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1997.

\* Recebido em: 21.09.2016. Aprovado em: 03.11.2016.

#### MARCO ANDRÉ CADONÁ

Doutor em Sociologia Política (UFSC). Mestre em Sociologia (UFRGS). Graduado em Filosofia. Professor e pesquisador na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), no Departamento de Ciências Humanas e no Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Desenvolvimento Regional. *E-mail*: mcadona@unisc.com

#### VALTER DE ALMEIDA FREITAS

Doutor e Mestre em Sociologia (UFRGS). Graduado em Ciências Sociais. Professor e pesquisador na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), no Campus de Osório (RS). *E-mail*: valter.almeida@gmail.com